

Jaime de Magalhães Lima

*Repetido
57 Aveiro*

José Estêvão



*Conferência lida na biblioteca
do Liceu de Aveiro, na sessão pú-
blica de homenagem à memória
de José Estêvão, em a noite de 17
de Dezembro de 1927.*

BIBLIOTHECA



Edição da Revista «Labor»

—
AVEIRO

1928

JOSÉ ESTÊVÃO

bibRIA

JOSE ESTEVAO

bibRIA

3940

Jaime de Magalhães Lima



José Estêvão



BIBLIOTECA
municipal de aveiro

**FUNDO
LOCAL**

*Conferência lida na biblioteca
do Liceu de Aveiro, na sessão pú-
blica de homenagem à memória
de José Estêvão, em a noite de 17
de Dezembro de 1927.*

bibRIA



DEERTA

ARMARIA MUNICIPAL DE AVEIRO

512.127.32

10.08.94 039090

ENTRADA DE COBRAS

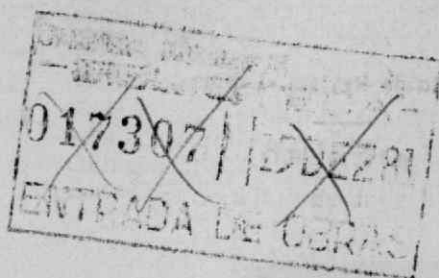
Edição da Revista «Labor»

—
AVEIRO

1928



bibRIA



*Senhor Presidente,
Senhor Reitor dêste Liceu de José Estêvão,
Minhas Senhoras
e meus Senhores:*

Suavíssimos fados, consoladoramente protectores teem querido, por minha boa sorte, que eu nunca haja transposto os umbrais desta casa que não seja ou para lhe trazer o testemunho da minha gratidão por favores recebidos, ou para novos favores receber e na generosidade donde vieram renovar o reconhecimento, que me comove, de que êste lugar é o braseiro nunca arrefecido de chamas salutaes que nos fortificam o corpo e o ânimo, e o entendimento e a coragem, para afrontar vitoriosamente os combates da vida. Sendo o refúgio do estudo, do trabalho e da severidade, sendo a habitação vigilantemente cuidada do cumprimento de altas responsabilidades pátrias e particularmente do dever bem zelado com a juventude, êste liceu, hoje regido pelo homem austero que é o Ex.^{mo} Sr. Dr. Pereira Tavares, a cujo saber, e rectidão, nobre carácter, delicada consciência e clara inteligência me honro de prestar aqui pública homenagem, êste liceu é, conjuntamente, uma escola para o pensamento e uma fonte abundantíssima de bondade e simpatia e amizade; pela inspiração daqueles que o guiam e servem em seu labor quotidiano, conforta e

educa e prende o coração, tanto quanto pela disciplina do espírito aqui mesmo o engrandece e ilumina em nossos filhos, formando-os para herdeiros instruídos e condignos das tradições de fidalga honestidade da gente portuguesa, que nos coube guardar e nos cumpre transmitir intactas aos que nos sucederem.

Sempre este lugar viu rendida à sua luz e à sua doçura a minha devoção; mas, hoje, dupla gratidão me merece e lhe tributo, porque àquela, muito viva, que por passadas gentilezas lhe guardo, acrescentou estouta que provém de me erguer meu alquebrado peito, derramando-lhe copiosamente aquele filtro divino e salvador que é o entusiasmo.

O Liceu de José Estêvão, chamando-me aqui a depor sobre a grandeza da memória augusta daquele resplendente espírito que elegeu para seu patrono, seu *genius loci*, só por este facto logo pôs em labaredas o entusiasmo que jamais se me apaga e sempre sinto a palpitar fervorosamente, quando no correr dos dias a lembrança me aproxima dessa fascinação que o nome de José Estêvão evoca, e a interroga e se entrega contente ao domínio do seu esplendor.

E eu creio na redenção pelo entusiasmo.

«Para ficar moço» disse H. F. Amiel no seu *Diário*, «apesar dos anos e mesmo dos cabelos brancos, o segredo é protegemos em o nosso íntimo o entusiasmo, pela poesia e pela contemplação... O entusiasmo grave pela beleza eterna e pela ordem eterna, a razão como vida e beleza serena, tal é talvez o fundo da sabedoria.»

«Há uma glória no entusiasmo», escreveu Keats, o poeta célebre.

Abençoados sejam aqueles e aquilo que nos despertam e alimentam o entusiasmo! res-

ponderemos à voz profética dos seus sacerdotes. Porque onde o ateiam em a nossa alma, aí nos arrebatam em um transporte de glória, e passageiro que seja êsse arrebatamento, pois que a fraqueza humana depressa recupera a sua tirania, passageiro que seja êsse arrebatamento é uma isenção da miséria terrena, uma consubstanciação com a divindade. O entusiasmo é uma partícula da vida eterna que por um instante nos redime de tôda a transitoriedade e suas prostrações. Ai daqueles que o não provaram, ai das gerações que o não sentiram! Porque êsses viveram só vida mortal e nas suas trevas se encerrando e movendo, nelas pereceram totalmente. A indiferença, e porventura até certa espécie da serenidade tão querida e louvada, serão a dúvida, senão a negação blasfema da harmonia dos mundos dentro e fora da nossa alma, uma minguia sinistra do nosso ser, a incapacidade de o encorporarmos e envolvermos na amplitude do êxtase.

E porque dessa condição de debilidade me liberta por um instante de arrojado entusiasmo a benevolência e a graça do convite que me trouxe aqui, é que como uma bênção do meu culto religioso da memória de José Estêvão reconheço agradecido a gentileza, enquanto em seus bens me enlevo e desvaneço.

* * *

E' doutrina corrente e assiduamente confirmada pelo uso entre os escritores modernos, particularmente entre criticos e historiadores, que a grandeza individual dos heróis e dos santos do pensamento e da poesia e da acção, assim como a magnitude e earácter dos acontecimentos que foram decisivos nos destinos das sociedades e das nações, carecem,

para sua justa apreciação e definição, de novo exame e revisão amiudados, quási periódicos; pois à medida que a face da terra e as inclinações e paixões dos homens vão mudando pelas imposições e transformações naturais do tempo, que tingem de luto no crepúsculo o que ao amanhecer foi côr de rosa, muda a face das colmeias humanas e dos heróis que a terra habitaram; e para bem conhecer um homem como para com justiça julgar os factos, indispensável será vê-los e considerá-los sucessivamente, à luz diferente em que diferentemente os iluminaram as vicissitudes e exigências dos diversos momentos em que os colocamos. E êste e aquilo que à luz de tempos de calamidade foi audaz, são e salvador, parecerá débil e enfermo e desvairado e estéril à luz da prosperidade; e quem um dia foi santo e amado onde se erguiam templos e se obedecia ao Senhor, será pecador e descrido e repudiado onde os templos desabaram em ruínas e dos seus tetos se fez o abrigo de multidões blasfemas, desvairadas pelas rebeldias em que as penas da miséria as precipitam, e o que ontem foi formosura parece hoje fealdade; e o que um dia foi piedade, outro dia se mostra crueldade; e sempre a justiça vagueia em um mar de contradições e oposições, ansiosa por se firmar em qualquer coisa perdurável e imutável, liberta destas contingências e flutuações da estima dos homens e das coisas, às quais o mover dos astros e passagem dos anos e atitude das sociedades imprimem uma mutabilidade que freqüentemente nos desalenta na aspiração de alcançar o quer que seja de terminante em nossos juizos.

Ora José Estêvão assaz grande foi para que nunca, até hoje, houvesse sombra tão cerrada que o seu vulto pudesse esconder;

e essa constância da sua presença em o nosso pensamento lhe basta para o incluir no rol privilegiado daqueles cuja compreensão demanda revisão periódica e renascimento em diversas atmosferas—tanto mais que a multiplicidade das actividades em que o seu temperamento pujante se empenhou e agitou e influuiu, acresce que a sua vida e o seu rasto indelével atravessaram já situações tão diversas que imediatamente nos obrigam a perguntar como é que de tais experiências saiu e se nos mostra, se decaído, se elevado, se mutilado, se ileso, iluminado por uma nova luz ou exilado e proscrito porque o calor de novos fachos lhe queimou a auréola.

Nascido em 1809, José Estêvão conta já três estações formidáveis, distintas e perigosas, em que a sua glória e o seu carácter e os seus talentos foram sujeitos a uma desapiedada revisão; passou já três tribunais, qual d'elles o mais exigente; viu, primeiro, o liberalismo romântico, crente e combatente, trovador e soldado de grandes causas e impetuosos amores, e no ardor das suas aspirações se inflamou com tão caloroso aplauso dos seus companheiros como franca e indignada aversão dos seus adversários; em seguida, foi exposto às mordeduras cáusticas do scepticismo mesquinho e escarninho do materialismo e baixo naturalismo pseudo-scientifico que as obsessões positivistas das gerações impertigadas de 1860 a 1914 tiveram por dogma e bandeira, e tão deprimente e sinistro se nos mostrou, ao fim cobrindo de sangue e ruínas e aviltamento a terra e o mar na guerra horrenda em que foi atraçoada e negada a civilização espiritual de mais de vinte séculos; e, fechado êsse cielo caliginoso, José Estêvão reaparecerá agora e do tumulto se desprende e nos chama para mais uma vez ser jul-

gado pelo profundo renascimento idealista que anima a filosofia e a crença dos dias presentes e os instiga a soberbos vôos espirituais e práticos.

Sem mais exame, no instantâneo clarão que flameja da simples invocação destas três eras, certo é, e evidente que José Estêvão, soldado sem pavor, audacioso paladino e escravo sem remissão na imolação total do seu ser ao liberalismo romântico do seu tempo, teria sido apenas um declamador sentimental, vão e utopista, alheio às realidades substanciais da existência das nações quando a estreiteza do materialismo obtuso das últimas décadas do século XIX o avistou, baixa e exclusivamente adstritas, como as vimos, ao império de forças terrenas mecânicas e ignorando, quási absolutamente, o reino das forças supremas imponderáveis, perante as quais toda a forma e movimento tangível será um mero acidente. E esse mesmo homem que um dia foi descomunal na sua grandeza e depois a mesquinhez à sua própria mesquinhez sonhou abaixar, orçando pela sua medida a altura estranha que os seus olhos não atingiam porque não tinham forças para se elevar, esse homem é na restauração idealista da actualidade que tivemos a fortuna de entrever, um claro génio bafejado pela mais lídima nobreza que um feito humano pode acalentar, e servido por uma arte verdadeiramente assombrosa.

Disse «claro génio»; muito intencionalmente. Porque toda a sua claridade lhe senti e me deslumbra, e porque na eterna dualidade que constitui o drama infindo do nosso coração, há génios negros que nas profundezas da sua treva nos precipitam e aniquilam e há génios claros que no resplendor da sua luz nos erguem aos céus e nos distilam a vi-

da; há génios de candura e génios de escuridão, génios de amor e génios do ódio, e José Estêvão foi um génio de candura. No seu peito a criou e do seu peito a derramou, a jorros. Onde quer que estivesse e a sua voz se ouvisse, vibrava e crescia a simpatia, o feito, a generosidade, a dedicação, o entusiasmo e a nobreza.

* * *

Os plutarcos doutras eras costumavam referir a princípios absolutos a gestação dos génios e dos grandes homens. Era um dom divino, uma graça do infinito; vinha da liberalidade com que um favor do mistério iluminava êsses eleitos e lhes prodigalizava e em seu peito lhes movia a coragem, a energia de penetração do entendimento, e as aspirações sobreumanas, e a capacidade de as fazer prevalecer na terra. Os apóstolos, como os guerreiros, eram então filhos de Deus e por Deus criados à sua imagem, e por Deus mandados a determinar e reger a ordem do mundo.

Mas os plutarcos do nosso tempo, em sua aversão a tôda a interferência metafísica na constituição dos homens, descreveram daquela filiação antiga e entraram a referir à terra a gestação dos génios e a inseri-la em composições físicas accidentais que chamaram o ambiente. Para os desta nova escola, os homens são bons ou são ruins pelo ar que respiram, do paúl ou da montanha, pensando um pensamento despersonalizado e propriedade comum de um laboratório químico improvisado pelo acaso, e fabricados assim pela concorrência das forças cegas das materialidades circunvizinhas; não será mais um espírito, que superior a essas materialidades e livre da sua opressão determina o carácter e o destino dos génios. Nesse conceito moderno, os génios pouco mais serão que uma

composição de areias e detritos orgânicos, fermentados em uma farmácia de caprichos da natureza inconsciente; e, por essa alquimia, misturando uma porção de paisagem com doses próprias e variáveis de hereditariedades e raças e temperamentos, teríamos um santo ou um scelerado, um ateniense ou um beócio, o fidalgo ou o vilão, o assisado ou o insensato.

Mas na restauração presente da legitimidade do idealismo, eis-que os plutarcos antigos voltam a ter razão na sua crença de intervenções sobrenaturais decisivas na constituição dos génios; e então José Estêvão não é filho do seu ambiente, é um génio filho de Deus, um poder superior mandado por misteriosas determinações a operar seus feitos no seu ambiente terreno e a afeiçoá-lo à sua aspiração. Não foi a atmosfera que a hora do seu nascimento o obrigou a respirar que decidiu do carácter do seu espírito e da energia em que esse espírito se exprimiu e imprimiu na sociedade que o cercava; foi o seu espírito que insinuando-se e actuando nessa atmosfera lhe moderou os vícios e lhe dilatou as virtudes e lhe mingou as misérias e lhe acrescentou a grandeza. Se o ambiente em que José Estêvão nasceu e viveu alguma coisa significa na irradiação potente do seu génio, não é porque esse ambiente lhe haja prestado a substância da sua formação, é apenas porque lhe ofereceu o objecto da sua actividade e aplicação e a matéria maleável do seu exercício.

Assim, não foi o liberalismo romântico que criou o génio de José Estêvão, foi o génio de José Estêvão que por sua nobreza congénita, procurando em volta de si a que a consagrasse condignamente, prometeu obediência ao liberalismo e correu a servi-lo, encontrando com a certeza da sua inspirada intuição que o liberalismo condiz a com a sua nobreza e lhe me-

recia à devoção intemerata com que o adoptou e honrou. Por um feliz destino, um ser de nobreza vinha ao mundo na hora em que uma aspiração nobre entre as mais nobres o chamava a glorificar-se combatendo com ela os combates e nas suas vitórias se exaltando.

* * *

José Estêvão foi um liberal e um romântico, impetuoso, apaixonado, sem reservas nem avarizas, humildemente, naquela integridade que é a condição do crente e faz de uma vida humana uma religião.

Romantismo e liberalismo são duas faces, entre outras, infinitas, de um só princípio e de um só espírito, pois se, na frase célebre de Victor Hugo, «o romantismo é o liberalismo da literatura», reciprocamente o liberalismo é o romantismo da política, abrindo-lhe horizontes desconhecidos onde a dignidade dos homens se exprima em toda a sua latitude enquanto na literatura esse mesmo princípio a desprendia das prisões clássicas vazias de alma e mortais para toda a arte, por essa tirania reduzida a uma mímica ressequida do que um dia viverá e já ninguém sentia. Oferecendo aos homens um novo património fundado em liberdade, opulentamente inexaurível, legitimando todo o arrôjo do coração e do pensamento e multiplicando-nos a vida porque lhe multiplicava e alentava as palpitações, o liberalismo e o romantismo foram só por si carta de nobreza para quem lhes consagrou a alma e os serviu com o seu braço e com o seu ânimo, pela consciência e pela espada, pela devoção e pela acção. Se exceptuarmos aquela revolução estupenda que foi a obra da mais extraordinária dinastia de génios que jámais o mundo viu, e à qual a História chama os padres da Igreja; se exceptuarmos esse renascimento cristão da socie-

dade de todo deessorada de substância moral e religiosa que foi o mundo romano na sua decadência, pelo apostolado dos padres da Igreja redimido para o triunfo e império de um novo princípio que em si continha e trouxe uma nova política, e uma nova moral, e uma nova arte e uma nova religião que vieram ressurgir-lo naquela essência eterna vivificante que nos anima e nos justifica a existência—em página alguma da história da Europa encontraremos um movimento tão absolutamente salutar em toda a extensão da actividade dos homens como foi o liberalismo romântico. Arrancando as sociedades decrepitas, em que se insinuou, das profundezas da sua inanidade aviltada por absolutismos inumeráveis, qual d'elles mais degradante e mortal, para as lavar de mácula e ignomínia baptizava-as nas águas lustrais da liberdade e da dignidade e na sua claridade as enaltecia.

Para os homens e para as sociedades em que se encorporam, há apenas dois modos de sêr, duas atitudes com o mundo e com o próximo, dois sistemas de conjugação que englobem a pequenez da unidade individual na grandeza de uma unidade suprema comum—escravidão ou liberdade, prostração perante as tiranias humanas ou responsabilidade, única e directa, com a consciência e com as inspirações que Deus nos ilumina. Platónico, cristão ou panteista que esse Deus seja, é esta condição do livre comércio nosso com a divindade e de obediência livre aos seus mandados o que distingue do animal doméstico o homem. E a dignidade do homem, a qualidade que destitui do espirito divino o homem ou o forma a imagem d'esse mesmo espirito, cresce e avigora-se e sublimadamente nos engrandece, ou desfalece e totalmente se dissipa, à medida que os homens se arrebatam na liberdade ou se abis-

maim na escravidão — quer essa escravidão seja pela abdicação dos impulsos íntimos da nossa alma e dos talentos próprios nas fórmulas das escolas e das academias, quer essa escravidão se constitua pela obediência e pela Impotência rojando-se aos caprichos do despotismo e da soberba de monarquias corruptas, hábeis em trocar pelas misérias de favores terrenos que fartam a sordidez, a graça de nos movermos sòmente pela inspiração divina e por ela nos desprendermos da terra e nos elevarmos à visão e compreensão e prática da Verdade e da Beleza.

Ora o liberalismo em que José Estêvão professou e no qual foi sacerdote é profeta veio a saciar, em todos os seus modos, uma sede ardente de liberdade heroicamente conquistada, e foi, paralelamente, uma aspiração feliz de dignidade, ardentemente confessada e transposta, tanto nas instituições políticas e económicas que criou, como na moral e na arte em que se traduziu.

Teve ilusões, esse liberalismo; teve excessos, teve fraquezas, teve erros, como quanto é humano; teve sonhos vãos e as amarguras do despertar de sonhos vãos. Por vezes as realidades positivas e crueis o atraçoaram e as exigências do mundo o negaram e escarneceram. Pelo afloramento natural das cobiças terrenas que em toda a conjuntura veem a reclamar o seu quinhão e usam cevar-se em todas as ruínas, a pureza do liberalismo teve que sofrer a mordedura e a mortificação da avareza mesquinha do espirito burguês mais rasteiro e da mediocridade dos seus apetites satisfeitos; e entretanto, verificando a desgraça e nela se alegrando, o scepticismo folgava, perseguindo com os seus apodos a desgraça das aspirações que naufragaram na hostilidade invencível das

debilidades fatais que distinguem os homens dos deuses.

Mas dêsses embates, e entre as suas derrotas como entre as suas vitórias, ficou imperecível um resíduo de grandeza, e sobretudo de nobreza que o romantismo liberal nos legou e é ainda hoje, como sempre será, o filtro essencial da dignidade da geração actual e das que lhe succederem. Outro não se concebe.

Veio um dia, já passado, em que ao espírito de liberdade e dignidade o materialismo da luta pela vida preferiu e antepôs a ostentação dos poderes brutais de domínio que por todo o preço se lhe afiguravam de querer e aceitar como suprema beleza e riqueza dos homens; e então chamou pejorativamente sentimentalismo aos impulsos secretos religiosos do nosso coração, onde elles ordenavam a generosidade e a bondade e o sacrifício por amor do próximo, partes capitais da fidalguia romântica.

Agora, porém, experimentada a suposta robustez e o real absurdo, anti-natural e anti-histórico, dessa luta pela vida, feitas contas exactas de seus bens e malefícios, claramente vemos que êsse descrédito do sentimento, que tentamos convencer de enfermidade e debilidade, provinha apenas de mutilações e de deformidades do coração humano, era o sinal de uma rematada ausência de sentimento, na sua penúria tomando por lógica e exigência de razões sciêntíficas o que era apenas a consequência sinistra de uma inanidade moral consumada e de uma degradante indigência de nobreza.

* * *

Todavia são, radicalmente são e clarividente, o liberalismo idealista de José Estêvão não ignorava os compromissos terrenos a que

andava sujeito, para sêr uma realidade sensível; e obedecia-lhes em quanto elles tinham de legítimo e impreterível. Os arrebatamentos da fé não lhe enlouqueciam a razão nem o poder e a autoridade da razão oprimiam a ponto que o apóstolo degenerasse em fanático e a visão da justiça se convertesse em desvairamento de utopia. Sempre o sentimento omnipresente da condição irrefragável da relatividade das coisas do mundo e da existência humana em todos os seus modos íntimos e externos, sempre a compreensão penetrante dos limites da realização das aspirações anímicas acudia no seu pensamento e nos seus passos a corrigir a tentação que por demasiado querer ou insensato pedir topasse no impossível e aí fôsse naufragar.

Mal as paixões tumultuosas o agitavam, logo a serenidade reflectida as regravava e as convertia na palpação rítmica e fecunda das afeições tenazes e seus confortos.

Andava-lhe na alma, nunca o abandonava, em tôda a conjuntura o avisava aquele espírito de ponderação que na sua arte se traduziu em uma majestosa harmonia.

Na vida íntima de José Estêvão, apenas seus ímpetos de amor se lhe acendiam no peito, imediatamente as instâncias de equilibrio, que por magia do seu génio opunha aos arrebatamentos, os convertiam na plácida doçura de amizades.

Pelo seu poder de captação e pela largueza de dedicação que lhe correspondia, ficaram famosas as amizades de José Estêvão. Ninguém as teve mais ardentes e constantes e ninguém as retribuiu mais devotada e fielmente.

Aqui se associa, inseparável, ao nome de José Estêvão o nome do seu predilecto amigo Manuel José Mendes Leite, cuja memória nem a proximidade do gigante esmaece e é um

trofeu de glória para esta terra que lhe foi berço e abençoada foi pela robustez de inteligência e probidade moral, pela elevação de espírito, pela bravura e pela gentileza incorruptível de que Manuel José Mendes Leite nos legou exemplo resplendente. Eu, que tive ainda a fortuna de o conhecer e me abrigar á protecção da sua sombra, não é sem comoção que posso dizer que em Manuel José Mendes Leite conheci José Estêvão, porque pelo milagre da amizade e consubstanciação perfeita que uniu essas duas faces de uma só alma, mutuamente cada uma se tornou o espelho da sua irmã e companheira, e, inseparáveis, unidas ficaram para a eternidade da nossa lembrança e admiração, como unidas padeceram o mesmo calvário da liberdade e a mesma ansiedade e as mesmas penas, e unidas se enlevaram nas mesmas esperanças e nas mesmas alegrias, em todas as contingências da vida.

* * *

Na afeição às ideias, e direi mesmo ao dever, José Estêvão jamais se achou desamparado da salvaguarda daquele espírito de ponderação que na afeição aos homens o possuía e guiava.

«Não queria concorrer», disse, «para que se fizesse uma constituição onde o princípio vital da liberdade não estivesse seguro nas formas e disposições terminantes dessa constituição.» «O direito de manifestar nossas vontades por nossos discursos e votos» era mais que constitucional: era um direito natural. Mas «todos os princípios estão sujeitos às conveniências públicas.» «Também era doutrinária», porém «se nós julgávamos ter dado um grande passo de progresso, declarando o princípio da soberania nacional, enganávamo-nos...

Confessar um princípio é nada; é preciso defini-lo para não lhe cercear a importância, e submeter-nos às suas consequências para não parar em uma teoria estéril. Ora definir o princípio da soberania nacional é reconhecer que o povo é o único senhor de todos os poderes políticos, de todas as faculdades governativas; e sujeitar às suas consequências é reconhecer que ele pode delegar o exercício destes poderes como quizer e a quem quizer.»

Tinha sua moral como tinha a sua política este espírito de ponderação de José Estêvão.

E dizia;

«A minha convicção é forte e enérgica; e quando o espírito se enche de uma convicção destas, ainda que as ideias que a formam se possam chamar perigosas, ainda que pareça imprudência pronunciá-las, ainda que o silêncio seja um dever, esse dever cumprido deixa o remorso de uma falta cometida» e então «o silêncio é uma prudência cem vezes mais perigosa que a mais ilimitada franqueza.»

Qualquer doutrina, por mais justa que seja, sendo invariavelmente seguida nos negócios públicos, há-de dar péssimos resultados e comprometer as suas próprias exigências; há-de assassinar a moral em nome da moral, sacrificar a palavras a prosperidade pública; tal doutrina importaria uma opressão tirânica sobre os homens e sobre as coisas; seria finalmente um fatalismo político mil vezes mais pernicioso que o fatalismo filosófico.

Entretanto, onde as iras sagradas do tribuno esmoreciam para dar lugar ao exame calmo e às considerações reflectidas do professor, José Estêvão é o obreiro inteligente e acautelado da constituição da nova sociedade que o código civil ia definir, emancipando-nos do despotismo agrário de outras eras, e traçando o programma das reformas fundamentais im-

postas pela Revolução. E então mudou-se em mestre o vidente, e o derruidor audaz, tornando-se em architecto esclarecido, disse:

«Se os morgados fôsem abolidos; se o crédito fôsse assentado nas suas verdadeiras bases, ampliado, estendido e aplicado à terra; se aclarassem os meios da posse territorial; se se desse à terra amparo contra as argúcias forenses que se levantam para pôr em dúvida posses sancionadas pelo tempo e trabalho, de certo que a nossa população crescia rapidamente.»

E quando êsse mesmo mestre nos disse:— «A indústria é a política e a economia dêste século» brilhou sôbre a sua fronte a auréola dos profetas.

* * *

Esta mesma vibratibilidade extrema da intelligência que a José Estêvão apontava as necessidades e meios da encorporação do idealismo nas realidades concretas e o advertia de tôdas as demasias contraproducentes e fatais, essa mesma agudeza, coadjuvada e alvo-roçada por uma imaginação fertilíssima, logo e a par descerrava a José Estêvão os horizontes desenfastiados e risonhos do humorismo e da ironia em que a sua fantasia voou com infinita graça.

Os discursos de José Estêvão estão polvilhados de tantas interrupções do aplauso como do riso, e os seus amigos e quantos viveram na sua intimidade, assiduamente usaram repetir seus finos ditos e jocosas observações, dos quais, convém não o esquecer, um muito ilustre contemporâneo nosso, o Dr. Joaquim de Melo Freitas, coligiu e nos guardou nos seus escritos copiosas lembranças, assim, por êste capitulo, completando os pie-

dosos e preciosos *Apontamentos para a biografia de José Estêvão* do Sr. Marques Gomes, o livro sôbre todos essencial para o conhecimento e interpretação da vida e feitos daquele poderoso génio.

De pronto, a José Estêvão ocorriam e se tornavam manifestas as contradições e oposições e antinomias da vida em todos os seus modos e, um relâmpago, a sua infatigável invenção as traduzia em beleza e nos conduzia a aceitá-las e a sorrir-lhes indulgentemente.

Porque para José Estêvão a verificação dessas coincidências e dêsses conflitos não seria objecto de condenação; era apenas o natural desfado de rigores e austeridades vulgares com a comédia humana e com os caprichos do destino. Onde, por exemplo, quis acusar a cobardia de alguém não forjou apóstrofes fulminantes, e complacentemente preferiu observar que «o receio de morrer sempre acanhava os brios.»

Quando o carácter moral não determinasse José Estêvão a sêr assim rebelde ao sarcasmo amargo e à rigidez sombria que desconhecem a fluidez ingénita do coração humano e por isso a calcam, não lhe consentiria sêr de outro modo a mobilidade e inquietação da arte que lhe exprimiu a sublimidade da visão. Porque a plasticidade da arte de José Estêvão, reflectindo a ondulação infinda da sua alma, tanto impõe como se humilha, tanto castiga como afaga, e, com uma destreza tanto mais brilhante quanto mais ingénua, rapidamente percorre tôda a escala que vai da firmeza da fé à doçura da ironia, e do tumulto livre á disciplina meditada, e da violência titânica á serenidade olímpica.

* * *

Pela subliteza de um consórcio cujas origens a análise mais minuciosa e prolongada

não alcança decifrar capazmente e só o império do génio explica, acontece que a arte de José Estêvão, sendo a expressão dos arrebatamentos de uma alma facilmente em estado de ebulição, é, em seus termos de labor estético mais profundo, a consumação da mais indefectível ponderação e harmonia que pode imaginar-se. E esse que foi parlamentar e tribuno, e advogado e professor, e jornalista e académico, e que em cada uma dessas situações tinha de usar e usou seu ritmo próprio, tão impetuoso nas disputas parlamentares e suas invectivas, como pausado e plácido na academia, e conciso e terso no jornalismo, e apertadamente coordenado e lógico no tribunal, esse mesmo per fez o milagre de de uma eloquência invariável, tão diversa em a natureza dos seus movimentos como inalterável no equilíbrio que em todos os seus diversos movimentos mantinha, ao fim mostrando, por esse admirável exemplo, que o maior arrôjo de sentimento pode coincidir na sua expressão com a mais ponderada arte.

O estilo de José Estêvão e a sua música tendem sempre a cadências isócoras do pensamento e da linguagem. Apontou-nos decisões que convinha acatar «mais como opiniões que era permitido combater do que como preceitos a que a era forçoso sujeitar.» Certo direito de que nos falou dava mais frutos de calamidade e desordem do que de liberdade e ventura.» E sempre, por modulações semelhantes a estas, que acabamos de repetir, na divisão, e no compasso, e na equivalência da extensão e sonoridade dos seus membros, o discurso prossegue em ondulação medida e opulenta, dentro de um sistema pendular onde são perfeitas as compensações do pensamento e da expressão em on-

das sonoras do mesmo valor, alternadas. O próprio greecejo e a ironia, habitualmente propensos a operar com a agudeza breve de uma picadura de aço, não serão na arte de José Estêvão pequeninos, curtos e acera-dos, e antes se inclinam a difundir-se naque-la macieza ampla e flexuosa, como esférica, que era o tom natural do orador. Dir-se-ia que, por um singular paradoxo, o espírito ali se achava sujeito a uma arte que, sendo des-se mesmo espírito, é maior do que êles e o absorve, e daí viria que a ironia em José Es-têvão tinha também sua majestade e desse invólucro originário jamais se despia inteira-mente, mesmo quando em sua substância se insinuassem laivos de malícia—o que não era raro em José Estêvão, sobretudo nas conver-sas familiares. Nem à sua poderosa sensibili-dade podia escapar o espectáculo do mundo funambulesco, nem a sátira que ela de pron-to lhe segredava podia conter o riso que ês-se mundo provoca e é o seu natural cor-rectivo.

Certa estética moderna de cenáculo e ca-pelas proibidas aos profanos, ávida de sen-sibilidade e brilho e surpresa e exotividade, habituada a abreviaturas capciosas, fazendo de um advérbio um período e sempre enfastiada do comum, chão e normal, enquanto, po-bríssima de impulsos de nobreza e aspirações morais, neles não cuida, chamará declamató-ria à arte de José Estêvão, retórica estreme, pela aposição de rótulos semelhantes tentan-do anular-lhe toda a fama e merecimentos.

O que, parecendo ignorância e injustiça, é, em boa análise, conseqüente e necessário ao conceito fundamental dessa estética de preciosidades singulares e missangas correla-tivas. Não pode essa estética deixar de consi-derar na arte de José Estêvão um simples

clamor, indecifrável, vazio de sentido. Não sabe donde é que ele vem nem o que o traz, porque nunca experimentou a condição que o manda.

Essa arte de José Estêvão é, realmente, declamatória, porque, sendo o clamor de uma ansiedade moral e religiosa ardente e o eco de uma consciência delicada e inquieta, há-de sêr também um clamor de igual natureza e de igual vastidão na voz que o exprime; e para quem no clamor da consciência moral e religiosa não comungou primeiro, antes de o ouvir na voz, êsse clamor será apenas a retumbância da inuidade, a final indifferente e muda, à mingua de simpatia que lhe receba a alma.

Aconteceu com José Estêvão o que algum dia aconteceu com Quinet, segundo o julgou Ximenes Doudan, êsse gentil espirito com o qual não me canso de conviver.

«Até que veio alguém» escreveu Doudan referindo-se ao seu amigo Raulin, «que senti a elevação e o poder de imaginação de Quinet como eu os sinto, e como todo o espirito bem constituido deve senti-los. Acha que êle tem um admirável sentimento das artes; mas vós outros, que sois um pouco secos, achais que declamamos desde que nos animamos. Se não estivésseis muito habituados ao sol, acharíeis que as côres do prisma são demasiado vivas e de mau gôsto».

Habitualmente, quando Sardou mandava para o teatro uma nova composição sua, logo surgia um ratinho de biblioteca a morder-lhe e a acusá-lo de plagiato, mostrando com claras provas que o original estava em qualquer história ou historieta antiga ou moderna que o faro do censor, açodado em depressir, triunfantemente apontava.

Até que um dia veio em que Sardou, por

desenfado, respondeu a um mais impertinente: — «E' certo! E' certo!.. Tal qual o senhor diz. E o senhor sabia que fazendo o que eu fiz ganhava setenta mil francos e não o fez?! Pois então o senhor é um imbecil!»

E nós, por nossa vez, reflectindo o exemplo, diremos também a quem desdenha da eloquência declamatória de José Estêvão:

— «E' certo! E' certo!.. Declamatória, na verdade. E tu sabias que com essa banalidade entumecida de uma sarabanda de redundâncias movias as multidões, determinavas o governo dos homens e das nações, ganhavas a confiança do povo e até o respeito e a vassalagem dos grandes; tu sabias que com essa bola de sabão, trivial e leve, difundias a tua crença e a tua fé, e vencias e ateavas em volta da tua fronte um resplendor de glória, e não usaste essas armas tão baratas e por não as usares perdeste riquezas infinitas?!.. E's um impertigado estúpido. Não passas disso».

Todavia, bem poderá sêr que à nudez a esses coros magníficos do declamador que a estética sequiosa de requintes e agudezas aborrece na arte viril, atlética, de José Estêvão, tomando por pleonasmo aquela fluência que registra tôdas as cambiantes do pensamento e lhes dá seu colorido próprio, bem poderá sêr que os supostos vícios, que a secura mecânica da moderna oratória desadornada quis atribuir à arte de José Estêvão, correspondam a excellências fundamentais da sua agilidade e engenho, cuja apreensão de todo escapa aos espíritos cobiçosos do que é singular e insólito e ao mesmo tempo terminante em seus contornos e efeitos—isto é, aos espíritos que tem por beleza a lógica nua e a originalidade esdrúxula, e de todo se perdem e acham fealdade quando alguém os chama a mover-se fora dêsses limites.

Porque será esse infinito que na declamação se entrevê e no qual o que se adivinha e sonha é muito mais do que quanto se diz e traça positivo e cerce, será esse poder de insinuação uma das primeiras razões do domínio que as palavras de José Estêvão nos impõem, a esta razão psicológica acrescento imediatamente uma razão histórica, a convergir no mesmo resultado, aquela atitude senatorial e patriciana dos discursos, e aliás, de todos os escritos de José Estêvão—romana, e portanto vernácula, desde que o romanismo, todo o romanismo, constituiu qualquer coisa basilar, definitiva, em o nosso temperamento e em os nossos afectos, incorporada como todo o nosso sêr se encontra na catolicidade romana.

Vernácula, honestamente vernácula, com uma fidelidade pátria e uma probidade intemerata que vinha do coração e não era objecto de estudo ou propósito ou cálculo interessado de artista, vernácula no vocabulário, vernácula na syntaxe, vernácula no andamento e na largueza e em toda a sua feição estética, a arte de José Estêvão não tem para nós nem uma só obscuridade que aliene ou embarace a perfeita compreensão do seu alcance e significado, e por isso enfade e nos interrompa a atenção e nos corte o prazer de lhe seguirmos as vagas, nem uma só linha de derivação em que com êxito pleno não nos convide a caminhar com ela folgadoamente, mais e mais nos persuadindo e elevando à medida que se alonga. Jorrando de uma identificação completa com o nosso modo de sêr étnico, e particularmente coincidindo em absoluto com as inclinações estéticas que nos andam na tradição e no sangue e se tornaram incorruptíveis, antecipadamente familiar com o conceito, aspiração e deleite que o tempo e as nossas origens mais remotas e mais claras nos criaram e nos alimen-

tam, só por essa coincidência com o comum que ela sublimou, essa arte se engrandeceu. Porque não foi apenas livre inspiração e obra facultativa de um homem; por seu próprio e portentoso impulso e por seus talentos excede quem lhe revelou a excelência, e então se torna a arte da nação e da gente que a gerou, e eis-que participa daquela robustez inabalável e magnitude suprema, em que o génio do eleito deixou de sêr seu para sêr o intérprete fiel e glorioso e o reflexo indelével do génio de um povo.

* * *

No labirinto infundo em que a vida de José Estêvão e a fertilidade das suas obras e a complexidade das suas aptidões de todo nos perde, se tentamos esboçar as linhas capitais dêsse extraordinário vulto de artista e apóstolo, ocioso será, porém, o nosso esforço, depressa votado a quebrar-se na afluência indestrinçável dos elementos de apreciação que a sua sobre-humana actividade de espírito nos oferece. Sem tardar, viremos a reconhecer nessa tarefa que a única solução sensata para a levarmos a bom termo será desistirmos da confiança em o nosso insuficiente engenho e remeter-nos, sem comentário, às confissões em que o génio, descuidadamente e mal o suspeitando acidentalmente se retratou.

Por fortuna sua e nossa, quem foi José Estêvão é elle mesmo que o diz, quando pensou dizer quem tinha sido El-Rei D. Pedro V e o Duque da Terceira. Nessas folhas deixou a sua imagem; são páginas inequívocas de ingénua autobiografia, tanto mais cândida e transparente quanto mais desacautelada de reservas e isenta do mais leve propósito de ostentação da grandeza própria e de todos os receios

de julgamento, adverso ou favorável, e de toda tentação de aplauso e louvor.

Todo o íntimo de José Estêvão ficou estampado nessas breves meditações da saudade e o melhor da sua arte ali se gravou também. Quanto ali está, não se sonha nem se inventa; ou se viveu e se sentiu e se amou, e então se disse e foi ouvido; ou, se não se experimentou, não se concebe e nunca poderá dizer-se.

Ouçamo-lo.

O duque da Terceira:

«Batalhou com a espada, porque lhe batia o coração. Não emprestou o seu sangue nem a sua bravura. Era homem convicto e a sua convicção era o seu norte. Entendia a liberdade, e queria-a. Confessava-se seu adepto e sujeitava-se aos seus preconceitos. Zelava a sua crença mais do que as honras postíças do mundo e as prosápias da sua classe.

Este amor à sua fé política não o desamparou nos últimos momentos; e entre a vida e a morte repartiu as forças da sua alma, para se declarar religioso, mas liberal.»

«A lição muda que elle de continuo nos estava dando, doutrinava-nos sem nos mortificar. Como não exigia que o admirassem, acareava o nosso respeito voluntário. Podia muito em nós, porque não tinha nenhuma pretensão a dirigir-nos. O nosso amor reques-tava-o, porque elle estimava-o, e não o provocava. Nunca dava a entender que lhe deviamos muito, e por isso a nossa gratidão media-se pela sua modéstia. Nunca nos admoestava com rigor, por isso estremecíamos de lhe desagradar.

«As sociedades não se governam só com leis, só com a força, só com a palavra. Há outro meio de influência sobre os homens, mais poderoso, mais eficaz; os seus efeitos são tanto mais maravilhosos quanto a causa

é muitas vezes despercebida. O exemplo vale mais do que as máximas e as doutrinas. Reune às reduções da eloquência a verdade dos factos. Desbarata argumentos; dissipa dúvidas; emudece desculpas. Com o exemplo acobardam-se os maus, e alentam-se os bons. No exemplo, tudo é claro, definido, perceptível. Quem o não segue, condena-se; quem o adopta está seguro da aprovação pública.

«Ah! Como são valiosos, como são uma preciosidade moral, uma fonte de bens inefáveis, um elemento de disciplina social, um paládio popular, os caracteres lisos, iguais, nobres, experimentados em grandes provações e superiores aos lances da fortuna!»

«Tôda a sua vida foi uma consequência rigorosa da sua composição moral.

«Frequentemente attribuimos à fortuna os feitos dos varões illustres. Esta explicação dos elogios alheios é suggerida pela inveja. Por tal expediente, poupamos o nosso amor próprio e dissimulamos o pesar da nossa obscuridade. O malôgro das nossas tentativas, o desconcerto dos nossos projectos, o desfavor dos nossos concidadãos, quasi sempre provém de nós mesmos, e o infortúnio contra que nos tornamos, nasce das nossas próprias culpas.

«O duque da Terceira é uma prova irrefragável desta grande verdade. Representa por todos os factos da sua vida o grande princípio da responsabilidade moral do homem.»

«Abraçou pela crítica íntima da sua intelligência as ideias que lhe offereceu como mais justas à sociedade do seu tempo, e logo se dedicou todo ao serviço delas, sem mais pensar em vida, afeições e interesses, quando essas ideias requeriam o seu auxilio e sacrificios. O duque da Terceira era de índole dulcíssima, de coração effectuosissimo, bom

sem limites, compassivo sem restrições, e este mesmo homem era bravo sem alarde, bravo sem intermitências, bravo no meio de todos os perigos, bravo no campo, bravo em conselho, bravo no sofrimento--quere dizer--sobranceiro nos grandes males da vida aos tremendos lances dela. Que significa isto? Que o duque era um homem de uma condição sublime, que a sua alma era forte, que o seu espírito era elevado, e a fortuna não dá, não pode dar êstes predicados morais, estas supremas excelências. Se as desse, podia mais do que Deus, mais do que as raças, mais do que o sangue, e nesse caso antes o horror de uma absoluta incredulidade do que o culto do acaso.»

El-Rei D. Pedro V:

«Como morreu o rei? Porque morreu o rei? A paixão pública é grande e as paixões são inventivas, imaginosas, despóticas, desarrazoadas, absurdas. O sentimento pelas vidas que nos são caras cai em desconhecer o poder dos factos e arroja-se até a negar as leis da natureza.»

«Os médicos dirão que nome scientifico puderam dar aos padecimentos corporais que puseram termo à existência do rei; e que elementos haveria na sua compleição física que apoucassem a resistência ao mal que o acometeu.

«Esta sentença deve aquietar todos os ânimos e persuadir o país à resignação.

«Mas o sentimento público quere descortinar causas malévolas, maquinações tenebrosas na morte do rei—se se quere desconsiderar os imperscrutáveis decretos da Providência para substituir a pensamentos de humilidade concepções pecaminosas,—se se obstina em não imputar êste triste acontecimento às suas causas naturais, não nos será permitido

investigar-se os acontecimentos da vida do rei e a sua composição moral concorreram muito para apressar o fim dos seus dias?

A consciência tímida do rei, a exageração dos seus escrúpulos, os seus desejos de completa perfeição na vida privada e na vida política, as suas aturadas occupações, os seus infortúnios domésticos tinham gasto as suas forças e acabrunhado o seu espírito.

Pouco expansivo no trato, com viver recolhido, com o espírito continuamente preso a ideas determinadas, sempre mal contente dos negócios públicos, impossibilitado pela sua ealdade constitucional de meter neles a mão mais profundamente, confiando talvez que o poderia fazer com utilidade pública, deixou-se consumir e ralar desta complicação de embarços, de aspirações, impossibilidades e conveniências.

«A apreensão continuada sobre as dificuldades do seu cargo político, agravada em cada ocorrência mais grave pelo receio de não sair bem dela, tinha levado a seu espírito a considerar a arte de governar nos termos de um problema scientifico, que o trazia sempre occupado. Os espinhos da sua situação não só o punham, mas eram o objecto das suas meditações; e tôdas as suas faculdades carregavam com o duplicado trabalho de resolver os negócios occorrentes e de investigar por que modos e com que máximas um rei podia fazer a felicidade dos seus povos, sendo estimado dos contemporâneos e admirado dos vindouros.

«O rei passava, só, longas horas no seu gabinete. Só, não dizemos bem, que o acompanhavam de contínuo a consciência e a história. Sobressaltado por uma, e estremecendo da outra, o seu espírito lutava no mar de incerteza, e, depois de muito trabalho, nem a-

cabava satisfeito dos expedientes que se lhe antolhavam, nem das soluções doutrinárias que lhe vinham à mente.»

Infelizmente as qualidades do rei careciam daquele equilíbrio que contrapesa os males com os bens da vida. Nos raros gozos que a sua sorte mesquinha lhe consentiu, sentia sempre o amargo essencial que há ainda nos affectos mais gratos da vida. Por outro lado, o pesar para elle era extremo: não levava em si nenhum lenitivo. O seu espirito não comprehendia as atenuações naturais de todo o infortúnio, nem o seu coração era feito para conhecer a *alegria* da desgraça.

«A expressão será temerária, ou infeliz. Mas há nas mais densas cerrações da alma uma luz, embora ténue, que rasga a escuridão, e que nos deixa enxergar ao longe horizontes menos carregados, e às vezes até rissonhos. Para além destes horizontes estanceiam as consolações humanas, tão variadas e efficazes como são numerosos e terríveis os males da vida. Mas o rei não respirava as auras daquela região. Não sabia consolar-se, e falto deste auxílio indispensável nos tormentos do mundo decaiu na superstição do infortúnio. Julgou-se votado a elle, curvou-se à sua sorte».

* * *

Era assim, tal qual os heróis que o seu génio religiosamente louvou e honrou erguendo-lhes verdadeiros monumentos da literatura nacional e do coração português que os concebeu, era assim o homem a cujo nome d'ora-avante está consagrada a devoção desta casa. Nessas agitadas profundezas psicológicas às quais nos conduziu a sua voz, habitava e movia-se a sua própria alma; e nessa intuição divina do dever e suas terríveis

e incessantes interrogações e mandados se alimentava o poder estranho e imperecível da sua eloquência.

E se justiça e salutar inspiração foi eleger êsse homem patrono de um lugar onde se forma o espírito da juventude e onde carinhosamente a iniciamos naquele baptismo de nobreza que na sua vida há-de prevalecer sobre tôdas as adversidades e fortunas que o destino nos seus segredos, não raro cruéis, lhe tenha guardadas—grave responsabilidade terá sido invocar aqui o nome de José Estêvão e gravá-lo nestas paredes; porque invocá-lo e gravá-lo aqui não é somente uma glorificação e um culto, uma ufanía e um tributo: é um compromisso, é um acto de rendição e confiança; será o propósito, que Deus alente, de nos inflamarmos na sua alma, e de calcarmos o chão pelas veredas que êle calcou e abriu e nos mostrou, e de nos louvarmos no seu conselho, e repetirmos o seu exemplo, e comungarmos na sua fé.

e importantes informações e mudanças no
sistema e pela análise e supervisão de
seus elementos.
É a análise e a gestão estratégica que
fazem com que o sistema de informação
se torne a base da gestão e da
operacionalidade da instituição, sendo que
a análise e a gestão são as duas
funções básicas do sistema de informação.
A análise e a gestão são as duas
funções básicas do sistema de informação.
A análise e a gestão são as duas
funções básicas do sistema de informação.
A análise e a gestão são as duas
funções básicas do sistema de informação.

bibRIA

o sistema de informação é a base da
gestão e da operacionalidade da
instituição, sendo que a análise e a
gestão são as duas funções básicas
do sistema de informação.

o sistema de informação é a base da
gestão e da operacionalidade da
instituição, sendo que a análise e a
gestão são as duas funções básicas
do sistema de informação.

Apêndice

bibRIA

Post Scriptum.— Já pelos limites obrigados de tempo de exposição dados a uma conferência, já pela relativa precipitação com que foram colhidas e coordenadas as breves notas de que formei este rápido bosquejo do carácter de José Estêvão, já, principalmente, pela insuficiência de quem o pensou e escreveu, a qual neste mal acabado trabalho sobreleva a tôdas as circunstâncias externas que o poderiam prejudicar, aconteceu que na atropelada análise do génio daquela peregrina figura que se tentou esboçar aqui, houve muitas caídas, de primeira grandeza, e nem se quer mencionados foram dois pontos capitais, verdadeiramente miliares, aos quais é indispensável referir a interpretação dêsse sublimado espírito, se buscamos aproximar-nos de semelhante concepção, distinguindo-lhe menos obscuramente as suas relações.

Primeiro: Havendo apontado que José Estêvão nasceu em 1809, lástima foi que logo não lembrássemos que quatro anos antes, em 1805, tinha nascido Mazzini, o incomparável profeta do mais alto idealismo que jamais sonhou purificar e constituir em termos de religiosidade a vida social e política das nações e dos povos, e essa aspiração definiu em cristalinas formas que das suas exortações fizeram um evangelho de crentes. E porque neste lapso da memória resvalámos, immediatamente resultou que deixámos de considerar, ponto fundamental para a determinação do carácter de José Estêvão, que, se este não foi talvez directamente guiado pelo

apostolado de Mazzini e não regrou o seu pensamento e os seus ímpetos pelo trilho expresso desta iluminada aparição, todavia sentiu-o e seguiu-o, habitou sob a mesma esrêla espontaneamente re-criando em a nossa terra a doutrina e o conselho do enviado da dignidade e da nobreza, sem o cuidar se identificando com o vigor inflamado dos seus arrebatamentos, para tôda a devoção e tôda a acção, na corrente sôbre tôdas clara a que Mazzini por magia da sua eleição deu perpétua luz.

Da Revolução Francesa e das inumeráveis revoluções que lhe juraram a sua Liberdade, Igualdade e Fraternidade, saíram duas políticas: a política dos Direitos do Homem, que havia de nos levar à restauração autoritária absolutista que tomou o nome de socialismo, e na qual, por sua vez, a rua respondeu ao palácio: *L'Etat c' est moi*, política dogmática, artificiosa, coercitiva e demandista, facilmente propensa a entrincheirar em fórmulas farisaicas os seus mandados, não raro fanática e sempre burocrática e militar, com sentinela e guarda armada; e a política dos *Deveres do Homem*, que Mazzini soberbamente proclamou nos seus escritos e no sacrifício total da sua vida, política de liberdade e de intuição e responsabilidade da liberdade, patriarcal, tolerante e generosa, sem policia à esquina nem comandante no quartel, nem magistrado no tribunal, suspirando pela redução ao mínimo das leis positivas, regradada unicamente pela sciência e engenho subconsciente desse poder impalpável e inextinguível que é o amor do próximo, e esse lhe bastando para fundar em paz e felicidade a fortuna das comunidades dos homens, porque esse poder é eterno (a); política que tinha de

(a) *Charitas nunquam excidit; si ve prophetiae evacuabuntur, si ve linguae cessabunt, si ve scientia destruetur.* (S. Paulo, I^o Cor, XIII, 8.)

conduzir à confiança naquele arrojado anarquismo, onde tôda a consistência, coesão e harmonia é a obra divina de misteriosos caudais orgânicos de simpatia ingénita, um facio de superior e irreductível piedade, alheio, de todo alheio a qualquer forma de pressão externa, muito mais sentindo e chorando essa pressão como um enleio parasitário nocivo do que como a autora da unidade e ritmo gregal.

Ora José Estêvão foi no liberalismo português um eco de Mazzini—por coincidência de vocação ou por instrução do entendimento, pouco importa o sistema de iniciação.

Os seus discursos e os seus escritos como os seus combates e tôda a sua vida são muito mais a voz da ansiedade moral que a reclamação da fundação de direitos e o uso de seus instrumentos próprios; são muito mais uma sede ardente de dedicação religiosa que o levava e êle pretendia distillar nas entranhas dos outros, e nos outros admirava e louvava onde tinha a fortuna de a encontrar, são muito mais um acto de fé e inteira consagração à sua fé que a cobiça açodada e rubra das comodidades e seguranças e garantias que incitavam certas seitas de revolucionráios a fazer boa presa da aspiração liberal desinteressada e a convertê-la em pura arte de colher regalos e melhor repartir com forçada largueza as riquezas muito própria e exclusivamente terrenas.

Fôssem quais fôssem os factos e a conjuntura e forma em que interviesse e exprimis-se positivamente as suas propensões, soldado, orador ou jornalista, nos grandes lances e ris-

“A caridade nunca, jamais ah-de acabar, ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as línguas, ou seja abolida a sciência”.

cos da pátria e por igual no simples comércio da amizade ou nos cuidados e affectos domésticos, tódá a actividade de José Estêvão respira sempre, como princípio supremo da vida, a presença do dever dos homens, a urgência e a beleza do serviço heróico do dever, infinitamente acima de tódá a instância e vantagem de compreender, e de tódá a habilidade da construção intellectual e respectivos cálculos no propósito de ordenar capazmente, à fôrça de lógica, as coisas do mundo e a felicidade dos homens e das sociedades.

És-que o valor dos homens e a importância e disposição das coisas entram a graduar-se e traçar-se muito mais pela fidelidade com que os homens cumprem deveres e se esforcam por os cumprir do que pela profundidade com que os homens pensam e engendram suas edificações, ou pela firmeza com que as dirigem.

Porque nos temperamentos desta natureza, que foi a de Mazzini e de José Estêvão, e na compleição, modos de ser e impulsos e tenacidade de querer que êles criam e alimentam, o o cesarismo, por mais penetrante e arguto que seja, o monárquico como o republicano, é um acidente mudável e mesquinho, fica preterido e na sombra pela graça do mais singelo sacerdotício do dever; e a vida em tôdas suas vicissitudes e atitudes, em tódá a sua extensão será, principalmente, quiçá exclusivamente, o mover de um alento religioso, e a prece, conselho e mandado do dever que êsse alento nos impõe, e nós seguimos e nos glorifica.

Depois:

Se insistentemente, como era justo, nas divagações desta conferência tivemos sempre bem presente a scintilação do génio singular de José Estêvão, não considerámos com igual assiduidade que êsse génio e o seu poder se moviam

na órbita de um outro génio, mais largo e complexo, o qual era o génio do liberalismo, de que o génio de José Estêvão era parte. E então, reconhecida esta ligação, e sendo certo que outras paralelas a acompanhavam, cumpriria examinar e definir não só a esfera própria do génio de José Estêvão, mas também o seu lugar e as suas relações com as demais actividades similares que entraram na constituição e tradução do génio do liberalismo, cada uma com o seu exercício privativo e tôdas se conjugando como órgãos e funções de um só agregado orgânico.

Era o liberalismo um princípio e, como todo o princípio, para ser praticamente uma realidade e descer dos reinos da pura abstracção aos mundos da forma concreta, carecia de ter um pensamento, uma arte e uma norma de execução, carecia de se apoiar em uma concepção da Verdade e transparecer em uma visão da beleza, pelas quais e conformemente moldasse as suas criações, tangíveis.

E tudo isso o liberalismo português possuiu, magnificamente, à exigência e estímulo do pensamento que Herculano definiu e da estética que Garrett nos revelava correspondendo a linha de acção que José Estêvão impacientemente apontava.

Assim se achou rematado o génio do liberalismo, e assim foi compreendido e se tornou eficaz em a renovação da sociedade portuguesa—com o seu pensamento e a sua moral, encarnados em três homens de uma estatura descomunal, nos seus talentos e aptidões e tendências se completando para ordenar aquela unidade essencialmente indivisível, aquele génio que renovou em corpo e alma a nação e a disciplinou no uso e na realidade prática da liberdade. De forma que estes três nomes, ou melhor estas três fa-

ces do prisma liberal, tal qual êle cristalizou em a nossa terra e a iluminou, nunca poderão ser analisados separadamente sem grave risco de profunda obscuridade, porque, por virtude da síntese admirável em que se fundiram, formam aquilo que, talvez sem grande abuso, se poderá imaginar a personalidade social e psicológica do liberalismo românico português.

Procurando fundar o liberalismo na experiência histórica, à semelhança do *Ensaio sobre a história e formação do terceiro estado*, de A. Thierry, que adoptava para modelo, Herculano alargaria a tentativa, vindo a escrever uma *História de Portugal* que terminaria na devoção, por força da tradição, àquelas pequenas repúblicas que chamamos municípios e entretanto, quando em desembaraçar de todo o sofisma as liberdades políticas, tenaz e capacissimamente se esforçava por nos outorgar as liberdades civis que lhes correspondiam e tiveram o seu monumento no Código Civil, para a elaboração do qual Herculano contribuiu não só com todo o peso das suas arreigadas convicções filosóficas, mas também com o seu incomparável conhecimento da língua pátria. E apar na mesma via, Garrett, olhos voltados para a interrogação da beleza que pressentia no liberalismo, afervorava-se em coligir o *Romanço* e dali tirava o evangelho estético do liberalismo, resumido nestas passagens mas de uma clareza e profundeza flagrantes e de uma actualidade manifesta, hoje como no momento em que pela primeira vez foram gravadas na literatura portuguesa:

« Quem não tem olhado senão à superfície da nossa literatura, quem cego do brilho clássico das nossas tantas epopeias, seduzido pela flauta mágica dos nossos bucólicos, entusiasmado pelo estro tão rico e variado dos irrum

veis poetas que, nos quartetos e tercetos sicilianos da elegia, da epístola e do soneto, rivalizam, e tantas vezes lutam de vantagem, com o próprio Petrarca; quem, sobretudo,—porque nesse género é a musa portuguesa superior à de todas as línguas vivas—adora em Sá de Miranda, Ferreira, Denis, Garção, Filinto o génio redivivo de Horácio e de Píndaro—não crê, não suspeita, há-de ficar maravilhado de ouvir dizer que ao pé, por baixo dessa aristocracia de poetas, que nem a viam talvez, andava, cantava, e nem com o desprezo morria, outra literatura que era a verdadeira nacional, a popular, a vencida, a tiranizada por esses invasores gregos e romanos, e que a todos os esforços dêles para lhe obliterarem e confundirem o carácter primitivo, resistia na servidão com aquela força de inércia com que uma raça vencida, com que a população aborígene de um país resiste a igual empenho dos seus conquistadores que lhe usurparam a dominação, e que, séculos e séculos depois, quando esses já não são, ou não cuidam ser, senão uma casta privilegiada e patriciava, reagem fortes aqueloutros com o que seus próprios senhores lhes ensinaram, regenerados por seu longo martírio, e extirpam muitas vezes, mas geralmente se contentam de avassalar, os seus antigos opressores.

«E' a história de todos os povos, e por consequência de todas as literaturas.

«E' a história literária de Portugal no segundo quartel deste século: é o que foi esta reacção vulgarmente chamada romântica, mas que não fez mais que trazer a *renascença* da poesia nacional e popular. Nenhuma coisa pode ser nacional, se não é popular».

Trocando o orgulho e a soberba individual e seus feitos pela obediência e consubstanciação gregal e louvor das suas criações, amando o povo e procurando-o, não por interesse de aplauso ou por condescendência tutelar, mas por consciência da sua superioridade, e aceitando-a como suprema iniciação na beleza, a estética de Garrett, que aliás sentimos insinuar-se subtilmente, por paridade de inspiração, na vida e arte de José Estêvão, e por isso a trouxemos tão extensamente à colação, será um luminoso sinal do tempo, englobando em um mesmo ímpeto uma política, uma moral e uma arte conjugadas, brotando de uma só veia e partilhan-

do da mesma natureza—isto é, populares (a) subordinadas ao comum e servindo-o, em vez de se graduarem em hierarquias e se tornarem em seu apanágio e benefício e distinção, convencidas de igualdade e reciprocidade e prontas à partilha, em vez de se dividirem e apartarem e guindarem em categorias e superioridades e círculos privativos.

Sem embargo, não raro encontraremos em divergência, e até em declarada opposição, essas três actividades do liberalismo, simbolizadas em Herculano, Garrett e José Estêvão. Mas isso não implica que uma unidade fundamental de aspiração as não movesse, invariavelmente; apenas significa os naturais e inevitáveis sobressaltos e impedimentos da aplicação prática de todo o princípio orgânico de vida, objecto de limite, modo e termo, extensão, possibilidade e oportunidade, determinadas pelas condições de hora e lugar, escolha de vias e latitude de execução, tudo o que a final varia, mantendo íntegra a substância do impulso inicial.

Garrett e José Estêvão, principalmente, aparecem-nos bastas vezes em duelo; mas,

(a) Sabida é, e ficou notável na tradição da sua vida, a familiaridade e intimidade de José Estêvão com a gente do povo, familiaridade que naquela época, ainda eivada dos prejuízos zelosos das hierarquias, surpreendia, quando não scandalizava as aristocracias que a presenciavam, entretanto acentuando que, talvez um pouco pelo exemplo de José Estêvão, essa mesma familiaridade se divulgava entre aristocratas seus amigos, importando da parte destes uma nova attitude com o povo. Neste ponto, se attendemos à distância que os descommuns talentos de José Estêvão cavavam entre a sua condição e o vulgo e se ponderamos a felicidade e destreza com que elle por simples affecto essa distância venceu e anulou e nos ensinou a vencer ainda aos mais cultos, a estes sobretudo por serem e para serem os mais cultos,—neste ponto e no brilho desta qualidade, José Estêvão teria sido o príncipe dos revolucionários liberais do seu tempo.

se não nos contentando com a impressão superficial da contradita lhe buscamos as ideias mais remotas que a promovem, depressa as antinomias se fundirão no domínio de uma aspiração comum.

A opposição de Garrett e José Estêvão seria como a jornada de dois companheiros que havendo percorrido ombro a ombro a mesma estrada chegassem ao alto de um monte e ali parassem, de costas voltadas um para o outro, a contemplar a paisagem, então acontecendo que enquanto um se comprazia a ver a beleza do caminho andado e se afervorava na fascinação da beleza e culto do passado, extasiava-se o outro na vastidão dos horizontes que avistava diante de si e o atraíam como um mar de promessas e venturas, a tal ponto que para chegar depressa removiam impetuosamente todos os impedimentos e por momentos esqueceriam que a empresa, para seu êxito, não podia prescindir da experiência e passar de leve ou derrubar pela base a criação natural do tempo e do instinto. Aqui se renovaria e brilharia, no gênio de dois adversários de condigna destreza, o eterno conflito do radicalismo e da história, ainda aqui obrigando àquelas concessões mútuas pelas quais perfaziam uma mesma rota, nos seus próprios combates se corrigindo e completando e fortalecendo sem a final saírem da mesma linha e se apartarem e perderem.

Da omissão, na minha conferência, destes entre outros e numerosos pontos de valia não somenos faço agora esta tardia e lacônica penitência. E entretanto fico na esperança de que nem tão mesquinho é o assunto que outros, mais bem providos de instrução e recursos próprios, deixem de vir a emendar-me a leveza, dando a estes factos e problemas da gente e da vida do liberalismo a atenção e o desenvolvimento que virtualmente comportam e será

um esclarecimento precioso, não só para o génio de José Estêvão, que bem merece aturadas vigílias, mas também para o cabal conhecimento das energias altamente salutaras que com o liberalismo romântico traçaram uma das mais gloriosas páginas da história do povo português.

J. L.

bibRIA



Tip Progresso—Aveiro

bibRIA

4
B
—
0